

## Representações da saúde e da doença na mídia: sentidos e imposições sobre os corpos e estilos de vida

Media representations of health and disease: meanings and impositions of bodies and lifestyles

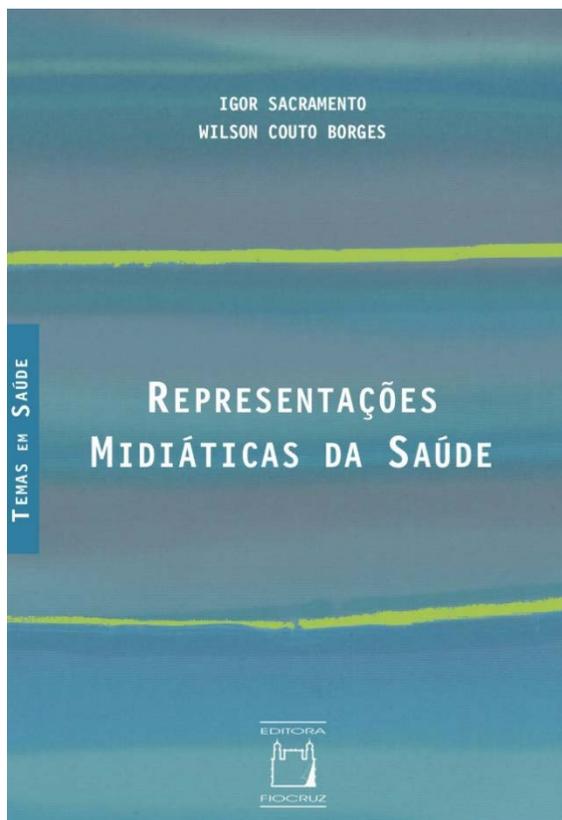
Representaciones de la salud y la enfermedad en los medios: significados y imposiciones sobre cuerpos y estilos de vida

*Robson Evangelista dos Santos Filho*<sup>1,a</sup>

[robsonevangelistasantosfilho@gmail.com](mailto:robsonevangelistasantosfilho@gmail.com) | <https://orcid.org/0000-0002-8560-9768>

<sup>1</sup> Fundação Oswaldo Cruz, Programa de Pós-graduação em Informação e Comunicação em Saúde. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

<sup>a</sup> Mestrado em Letras pela Universidade Federal de Viçosa.



## RESUMO

O livro de Igor Sacramento e Wilson Couto Borges oferece um excelente material para o estudo das representações midiáticas da saúde. Além de apresentarem um panorama teórico da representação, enquanto parte do processo de construção da realidade e dos grupos sociais, os autores adotam metodologicamente como categoria analítica a noção de posição dos sujeitos, central para a representação por situar os indivíduos em papéis, e analisam relatos sobre excesso de gordura em matérias jornalísticas, programas televisivos e produções audiovisuais na internet. É possível perceber como a mídia trata o corpo como índice da saúde ou doença e normalidade ou anormalidade pelas formas corporais, exigindo autocontrole das pessoas obesas ou daquelas em risco de se tornarem, o que se justifica por transformações físicas e questões psicossociais.

**Palavras-chave:** Representação; Mídia; Saúde; Corpo; Obesidade.

## ABSTRACT

The book by Igor Sacramento and Wilson Couto Borges offers excellent material for studying health media representations. In addition to presenting a theoretical panorama of representation, as part of the process of constructing reality and social groups, the authors methodologically adopt the notion of subject position as central to the representation, as it places individuals in roles, and analyze reports about excess fat in newspapers, television programs and audio-visual productions on the internet. It is possible to perceive how the media treats the body as an index of health or disease and normality or abnormality due to body shapes, requiring obese people or those at risk to self-control, which is justified by physical changes and psychosocial issues.

**Keywords:** Representation; Media; Health; Body; Obesity.

## RESUMEN

El libro de Igor Sacramento y Wilson Couto Borges ofrece excelente material para el estudio de las representaciones mediáticas de la salud. Además de presentar un panorama teórico de la representación, como parte del proceso de construcción de la realidad y de los grupos sociales, los autores adoptan metodológicamente la noción de posición del sujeto, central de la representación, ya que ubican a los individuos en roles, y analizan reportes sobre el exceso de grasa en reportajes, programas de televisión y producciones audiovisuales en Internet. Es posible percibir cómo los medios tratan al cuerpo como un índice de salud o enfermedad y de normalidad o anormalidad por formas corporales, interpelando personas obesas o en riesgo de convertirse para el autocontrol, justificado por cambios físicos y problemas psicossociales.

**Palabras clave:** Representación; Medios de Comunicación; Salud; Cuerpo; Obesidad.

---

## INFORMAÇÕES DO ARTIGO

**Obra resenhada:** SACRAMENTO, Igor; BORGES, Wilson Couto. **Representações midiáticas da saúde.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2020.

**Contribuição dos autores:** o autor é responsável pelo texto integralmente.

**Declaração de conflito de interesses:** não há.

**Fontes de financiamento:** bolsa de doutorado da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

**Considerações éticas:** não há.

**Agradecimentos/Contribuições adicionais:** agradecimentos a Igor Sacramento e Wilson Couto Borges, pelas contribuições nesse livro.

**Histórico do artigo:** submetido: 31 maio 2021 | aceito: 2 jun. 2021 | publicado: 30 jun. 2020.

**Apresentação anterior:** não houve.

**Licença CC BY-NC atribuição não comercial.** Com essa licença é permitido acessar, baixar (*download*), copiar, imprimir, compartilhar, reutilizar e distribuir os artigos, desde que para uso não comercial e com a citação da fonte, conferindo os devidos créditos de autoria e menção à Reciis. Nesses casos, nenhuma permissão é necessária por parte dos autores ou dos editores.

Lançado em 2020 como parte da coletânea Temas em Saúde da Editora Fiocruz, o livro Representações Midiáticas da Saúde chega em um momento em que, com a pandemia de covid-19, a mídia se ocupa predominantemente da saúde. Mais do que usualmente já faz, os meios de comunicação têm veiculado informações referentes a bens, serviços e problemas de saúde, orientações para promoção ou prevenção da saúde, relatos de celebridades e anônimos acerca de experiências saudáveis ou com doenças, coberturas sobre o sistema de saúde e acontecimentos, tais como outras epidemias recentes. O atual contexto torna, portanto, ainda mais atrativa e relevante a obra dos professores e pesquisadores do Instituto de Comunicação Científica e Tecnológica em Saúde da Fiocruz, Igor Sacramento e Wilson Couto Borges, que discorrem sobre como a mídia representa os processos de saúde e doença. Abordando notadamente representações midiáticas em torno das formas corporais, o trabalho é resultado do projeto ‘O imperativo da saúde: corpo, estilo de vida e performances de gênero na cultura da mídia’, que, desenvolvido desde 2018 com o apoio do CNPq, analisa produções discursivas que relacionam saúde, boa forma e opções de vida concentradas no bem-estar e que levam os indivíduos a buscarem corpos e comportamentos tidos como saudáveis a partir do que foi tão difundido e regado.

Como a mídia possui participação significativa nesse processo de definição de doenças e ideais de bem-estar físico, mental e social, colocando a saúde como ausência de doença ou uma condição plena utópica, o livro faz um chamamento para a importância de que as representações midiáticas sobre saúde sejam abordadas no campo da Comunicação e Saúde e, para tanto, oferece um conjunto de aportes teóricos, metodológicos e analíticos para esses estudos. Contudo, é válido destacar que, por apresentar um panorama sobre as representações, a obra pode contribuir e, portanto, deve ser indicada para todas e todos que, independentemente de suas áreas, tenham interesse pelo tema. Com base no que foi apresentado, é possível apreender que as representações consistem em um modo de conceber o mundo, um trabalho discursivo de construção de sentidos empreendido por grupos sociais em um dado espaço e tempo, portanto são históricas e não neutras. Nesse sentido, é preciso ressaltar que essa construção se dá a partir de disputas sociais pelo reconhecimento, pelo saber e poder de fazer ver e crer, isto é, de constituir a realidade e estabelecer uma verdade sobre ela, e, destarte, de determinar o que é considerado normal ou anormal, aceitável ou punível, saudável ou patológico, por exemplo.

Logo na apresentação do livro, os pesquisadores exploram essa noção de representação e aproveitam para listar os problemas de alguns dos conceitos comumente utilizados, a exemplo daqueles que, ancorados na dicotomia entre verdadeiro e falso, colocam a representação como distorção da realidade ou reflexo de um sentido já existente no mundo, incumbindo-a de ser cabalmente fidedigna àquilo que ela representa. Ou, ainda, daqueles que a associam à intenção da instância de produção, desconsiderando, pois, o crucial trabalho da interação, como preconizado pelo dialogismo bakhtiniano, e da interpretação que se desdobra em inúmeros efeitos de sentido possíveis de acordo com os contextos. O equívoco dessas concepções está em ignorar que as representações passam indispensavelmente por processos de semiotização do mundo e que estão continuamente em formação, circulação, negociação e transformação. Por isso, é de tais processos sociais de produção de sentidos que o estudo das representações tem de se ocupar primordialmente.

Para introduzir esse estudo, o primeiro capítulo mobiliza diversos autores e conceitos em torno da representação, como Hall (2016), que, em contraponto à compreensão saussuriana, prioriza a produção de sentidos e afirma que esta não depende apenas da materialidade do signo, unidade básica da representação, mas também de atores sociais que se valem de sistemas linguísticos para tornar o mundo compreensível e comunicar, aliando a linguagem à cultura. Como corrobora Durkheim (1975), o primeiro a tomar as representações como objeto de estudo, não há comunicação entre seres humanos, tampouco conhecimento, sem a representação. Concentrado na estrutura social enquanto um sistema que rege o funcionamento do coletivo, ele pensa a representação como uma maneira de entender esse social, todavia não traz para

discussão a questão das disputas que há nele. Diante disso, o capítulo recorre à concepção de ideologia, a partir de Althusser (1985), que revisita a de Marx e Engels para tratá-la não como uma falsa consciência ou deturpação do real, mas um sistema de representação, uma forma imaginária de os indivíduos se relacionarem com a sociedade, e principalmente a de Voloshinov (2004), para quem a ideologia, meio pelo qual se travam as disputas por representações, corresponde a um conjunto de enunciados do grupo dominante acionados nas práticas discursivas cotidianas para manter a relação de dominação.

O texto expõe que, ao dedicar-se às representações em suas práticas discursivas, interessa menos o que foi dito e muito mais os processos pelos quais se produziu o que foi dito e o porquê de ter sido consolidado como legítimo em detrimento de outros. Eis, portanto, a questão do poder no discurso, já que, segundo Hall (2016), uma das funções da representação é efetivar esse poder que pretende fixar um sentido. Isso porque, mesmo que não sejam estáveis, a partir das relações sociais, os sentidos vão se acumulando na memória social e assim cristalizam-se. É o caso dos estereótipos, que fixam os sentidos sobre determinados grupos sociais a partir de algumas características simplificadoras, em geral pejorativas, conferidas a eles, homogeneizando-os e reduzindo-os a tais atributos de modo a criar uma suposta essência. Esses estereótipos vão sendo internalizados pelos próprios grupos e naturalizados no senso comum, com pouca ou nenhuma flexibilidade para a mudança.

É o que ocorre, por exemplo, com relação às pessoas com sobrepeso, patologizadas e estigmatizadas, conforme o livro demonstra e o que se verá adiante. Para Goffman (1975), o estigma se dá em relação à representação compartilhada coletivamente da norma e, aliás, a confirma, pois a ideia dos grupos que equivalem a ela, então valorados positivamente, privilegiados e eleitos como parâmetro para os demais, é justamente de garantirem essa posição no centro para continuarem detendo o poder de representar, enquanto aqueles definidos como desviantes permanecem à margem. Diante disso, Borges e Sacramento enfatizam que os estudos da representação permitem, então, trazer à baila a questão das desigualdades encontradas nas representações sociais e de como elas vão sendo reatualizadas e vulgarizadas. Não obstante, há aí um espaço para contestação e construção de outras representações para as pessoas obesas, com imagens mais positivas e ativismo contra a gordofobia, por exemplo, que os autores sugerem para análises futuras.

O segundo capítulo do livro vem desenvolver esses pontos ao se debruçar sobre o papel que as representações desempenham na constituição de nossas identidades pessoais e coletivas, já que identificam e diferenciam. Nessa perspectiva, tal como as representações, as identidades e diferenças não são dadas, mas sim construídas em nossas relações e pela linguagem. Conforme explicado nesta seção, as identidades são estabelecidas com base nas diferenças, embora não sejam o seu oposto, uma vez que, conscientemente ou não, tomamos conhecimento de um eu somente em relação a um outro, pelo que nos aproximam e nos afastam e, a partir dos sistemas de representação, definimos o que somos e o que não somos. Com isso, há consequentemente a delimitação de fronteiras entre nós e eles, incluindo uns e excluindo os outros, classificando-os hierarquicamente e promovendo a normalização, como se não fosse possível aceitar a existência do outro, colocada como uma ameaça à própria sobrevivência. Exemplo disso é como os meios de comunicação dramatizam grupos periféricos, como pessoas gordas, demarcando-os como impotentes e reiterando esse lugar por meio de repetidas imagens e histórias. As representações são, pois, estrategicamente usadas para esse fim: demarcar posições dos sujeitos.

Os autores apresentam esse construto teórico por um viés metodológico, apropriando-se do conceito de posição de sujeito de Foucault (1986) como uma categoria de análise das representações midiáticas, nas quais eles se concentram especificadamente no livro, para investigar os lugares em que um indivíduo ou grupo social é posicionado quando enuncia ou é enunciado em um dado produto midiático. Essa análise, eles advertem, requer que o analista busque, em uma perspectiva discursiva, não apenas o que está sendo

explicitamente mostrado ao público, mas também o que está sendo deixado de lado, silenciado ou apagado, que procure no implícito as relações de poder que, presentes em toda representação, definem os de dentro, os de fora e quem domina na relação. Os pesquisadores sugerem, portanto, três possibilidades de observação dos posicionamentos dos sujeitos nas representações: i. como são posicionados nelas, enquanto objeto da representação, o que permite evidenciar as estratégias utilizadas para defini-los e se há estereotipagem; ii. como são posicionados pelas representações, ou seja, de que modo aqueles a quem a enunciação se refere direta ou indiretamente são interpelados discursivamente; e, ainda, iii. como os sujeitos são posicionados através das representações, isto é, se quando interpelados, eles negociam, aderem às posições ou as rejeitam.

Essa proposta analítica é aplicada nos três capítulos seguintes a partir de discursos sobre as formas corporais em materialidades diversas, como jornais impressos, programas televisivos e vídeos na internet, cujos relatos em primeira pessoa são exemplos das inúmeras possibilidades de narrativas de vida e representações de si no que Arfuch (2010) chamou de espaço biográfico. Essas análises específicas verificam como o corpo gordo é representado, já que historicamente lhe foram atribuídos sentidos diversos, relacionados ao poder, à riqueza, fartura e até mesmo à beleza e agora, preeminentemente, ao fator de risco, criando a obesidade como doença. Diante dessas representações, os sujeitos definem-se como saudáveis ou doentes em relação aos seus tipos físicos, mas também às possíveis consequências psicossociais. Dessa forma, pessoas obesas ou em risco de engordar, ao se reconhecerem nessas representações, são interpeladas a assumirem a responsabilidade e a adotarem novos hábitos e soluções para o problema, o que vai desde alimentação e exercícios até medicamentos e cirurgias, e, frente às interpelações, podem reagir de maneiras diversas. Como os autores refletem a partir de Kellner (2001), a mídia participa de uma pedagogia pública que instrui os indivíduos sobre como devem se portar, pensar, o que devem sentir ou querer e no que podem acreditar.

No terceiro capítulo, são apresentados os resultados de uma pesquisa sobre a abordagem da obesidade no jornal O Globo nas últimas décadas, sinalizando como a cobertura dessa temática na mídia tem aumentado e contribuído para a representação da obesidade como mais do que uma doença, mas uma epidemia mundial. Tendo como recorte uma matéria sobre as dificuldades encontradas por pessoas obesas, em especial para se relacionarem, a análise indica como há um foco maior sobre as mulheres, na medida em que elas são as mais pressionadas a alcançarem um tamanho de corpo ideal, no caso o corpo magro, já que o que foge desse padrão não é associado à beleza ou juventude e, por conseguinte, não atrai. Nesse sentido, mulheres acima do peso são representadas como infelizes, insatisfeitas e solitárias, posto que algumas delas, com receio de serem rejeitadas por não atenderem à expectativa heterossexual masculina sobre o corpo feminino, desistem do amor. Para a reportagem, isso gera efeitos na constituição de famílias, ou, ainda, elas passam a se relacionar com outras mulheres, como se a sexualidade lésbica estabelecesse um vínculo causal com a obesidade.

Apesar de mencionar a discriminação sofrida por pessoas obesas, é sugerida a elas como resposta principal a conscientização acerca da necessidade de emagrecerem, seja para evitarem preconceitos, serem felizes com os seus corpos ou consigo mesmas, seja para conseguirem se relacionar. Caso contrário, são taxadas como preguiçosas ou sem vontade de mudar. Nota-se, então, uma convocação à mudança, mesmo que por meio de uma medida drástica, como a intervenção cirúrgica. Essa mesma matéria, que repudia dietas e remédios que prometem realizar milagres, promove a cirurgia como um procedimento de sucesso, fácil e seguro, sem citar seus custos e riscos ou falas contrárias de especialistas e, aliás, aproveita para veicular a propaganda de uma determinada clínica. A cirurgia é celebrada, então, como a alternativa diante dos esforços insuficientes por parte dos indivíduos, funcionando como a forma de controle mais direta possível sobre os corpos tidos como problemáticos por estarem acima do peso.

Isso fica ainda mais evidente no quarto capítulo, que analisa os relatos de André Marques e Leandro Hassum, respectivamente, para o Fantástico e o Programa do Jô, sobre a submissão à cirurgia bariátrica. Os atores dizem acreditar que foi uma atitude extrema, porém necessária para redução dos riscos de adocimento ou morte decorrentes da obesidade, estando presente aí uma ideia de sacrifício, que se junta a outros imaginários como os de culpa e punição por atitudes recrimináveis como o fumo e o sedentarismo. No entanto, avisam que, mesmo após a cirurgia, há a probabilidade de novo ganho de peso, daí ser preciso não apenas a transformação corporal e o tratamento nutricional, mas também o acompanhamento psicológico e a mudança emocional para diminuir o que chamam de ‘alma de gordo’ e desenvolver uma maior capacidade de gerenciar seus desejos e compulsões, portanto, outra forma de intervenção sobre os indivíduos.

Os artistas contam que a assimilação da obesidade como problema veio principalmente pelas reações, cobranças e preocupações dos seus telespectadores. Inclusive, o fato de serem famosos traz uma implicação a mais, dada a coerção a se mostrarem mais bonitos e saudáveis para a imagem televisiva, na qual predomina a magreza. Mesmo que eles aleguem terem se submetido à cirurgia por conta da saúde e não pela vaidade, essas se confundem e condicionam os cuidados com o corpo a um ajustamento aos arquétipos de belo e saudável, então amalgamados e correspondentes, a partir da chamada estetização da saúde. Como comentado anteriormente em relação às mulheres, o corpo obeso também não figura como o ideal para os homens, contudo, no caso deles e ao contrário delas, a opulência, o corpo grande, desde que não exageradamente, podem estar relacionados à muscularidade, força e virilidade, divergindo, pois, em relação aos gêneros.

Durante as entrevistas, André Marques e Leandro Hassum narram as suas experiências, legitimando-se a falarem sobre a obesidade em razão de a terem experimentado. Eles comprovam o resultado da cirurgia ao mostrarem os seus corpos atuais e as roupas que não vestem mais ou compararem os quilos de antes e depois do procedimento, e, assim, expressam como se sentem felizes e realizados pessoalmente. Dessa maneira, se posicionam como ex-obesos e passam a ser vistos como testemunhas da melhoria de qualidade de vida e exemplos de sucesso a serem seguidos, influenciando o público. Com a medicalização da saúde no cotidiano, esse tipo de relato tem sido recorrente na mídia por meio de narrativas autobiográficas terapêuticas por atores sociais variados, como os vídeos de Daiana Garbin sobre seu transtorno dismórfico corporal no canal Eu Vejo, no YouTube. Segundo Borges e Sacramento, é comum que essas narrativas girem em torno de vivências de sofrimento, reveladas pela personagem-vítima como discurso de superação.

No caso dessa produção analisada no quinto capítulo do livro, a jornalista desabafa sobre o transtorno que a faz não reconhecer o seu próprio corpo, sentindo-se gorda apesar de não ser, o que, segundo ela, pode fazer com que seja julgada como louca, mimada ou fútil. Entretanto, depois de perceber que consistia em um problema e já estando diagnosticada e em terapia, ela realiza um exame de si mesma e do que vivenciou, valendo-se dessa experiência na tentativa de ajudar outras pessoas na mesma condição. Constrói, assim, uma comunidade de seguidoras que se identificam com ela. Geralmente, isso é conquistado pelo caráter amador dos vídeos, que confere autenticidade e familiaridade entre enunciador e espectadores, entretanto, nesse canal, há uma produção profissional. Os pesquisadores chamam atenção, então, para o que conceituam como televisualidade circulante, em alusão à lógica da produção televisiva que também se faz presente na internet, reestruturando, no contexto contemporâneo midiático, formas de interação social e produção de subjetividades. Nesse sentido, uma das características das narrativas que merecem ênfase é a publicização do privado, calcada no desejo pela exposição da intimidade. Se essas recentes práticas confessionais funcionam como uma espécie de diário na internet, diferem-se dos diários tradicionais ao deslocarem-se da esfera do sigilo e voltarem-se para um público imensurável, ansiando por um capital de visibilidade, *views*, *likes* e compartilhamentos.

Diferente dos outros produtos analisados, este permite a observação da terceira posição de sujeito elencada pelos autores, já que é possível investigar a recepção a partir dos comentários das internautas nos vídeos do canal, como elas se posicionam diante dos relatos de Daiana, que as aconselha a buscar autoestima e autoaceitação para superarem suas condições. Como no exemplo anterior, um autogerenciamento emocional para se curar. Embora ainda caiba a elas a responsabilidade por essa mudança e melhora, a causa do problema, diferentemente dos demais casos, é conferida ao externo. Para a *youtuber*, o principal responsável pelo que lhes acontece é o culto ao corpo magro, tão disseminado como padrão de beleza e felicidade a ponto de originar distúrbios com os quais as pessoas sequer conseguem reconhecer os seus corpos como dentro da norma, já que são sempre instigadas a se sentirem cada vez mais insatisfeitas com eles e a se controlarem obstinadamente.

Por fim, todas as análises evidenciam como o discurso do risco propagado pela mídia, e que se refere não só às pessoas obesas pela possibilidade de adoecimento e morte, mas também àquelas em risco de se tornarem gordas, despolitiza a questão da obesidade, retirando o cuidado à saúde da responsabilidade do Estado e transferindo-o aos indivíduos. Eles se veem, então, obrigados a gerenciarem e evitarem os riscos, regularem seus pesos e percentuais de gordura e, para tanto, empregarem uma série de providências simples ou radicais, em virtude de a representação social da saúde associar a ausência dela ao fracasso individual. Ainda que os indivíduos contem com auxílio médico, cabe, sobretudo, a eles, cientes das consequências, escolherem um estilo de vida saudável, admitido como a salvação da obesidade e uma identidade normal. Assim, o bem-estar fica restrito àqueles que conseguem cuidar de si. Há, nesse sentido, uma intensa vigilância sobre os indivíduos, seus corpos e condutas, da qual advém o disciplinamento em busca da boa forma e da aparência. Os indivíduos as incorporam como valores dominantes e passam a se autogovernar constantemente e a perscrutar os outros. Nessa biopolítica contemporânea, a saúde torna-se uma meta obtida por contenção, persistência e dedicação para manter o corpo, que, por sua vez, torna-se o indício do sucesso dessas ações.

Por meio das análises, a obra dá contorno ao referencial teórico-metodológico que propõe, bem como à discussão necessária que apresenta sobre a demarcação de um grupo de risco e as práticas de controle sobre corpos e condutas em nome da promoção de uma saúde idealizada. Tais reflexões, somadas ao texto agradável, que se vale de vários exemplos e de uma vasta bibliografia, fazem do livro de Igor Sacramento e Wilson Borges um rico material, que representa o trabalho de excelência do Laboratório de Pesquisa em Comunicação e Saúde (Laces), ao qual os autores estão vinculados, e do Núcleo de Estudos em Comunicação, História e Saúde (Nechs), que eles coordenam. Sem dúvidas, Representações Midiáticas da Saúde concretizará um de seus objetivos: o de estimular novas pesquisas.

## REFERÊNCIAS

- ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 2010.
- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975.
- FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 1975.
- HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Apicuri: Ed. PUC-Rio, 2016.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru: Edusc, 2001.

VOLOSHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2004.